

Perspectivas e reflexões interculturais sobre *valentine's day* em uma aula para estudantes de língua inglesa

MARIA LUISA ORTIZ ALVAREZ (UnB)¹
SUZETE SILVA (UEL)²

Resumo

As datas comemorativas estão presentes em todas as culturas e as escolas, em sua grande maioria, desenvolvem práticas pedagógicas com assuntos referentes a esses eventos. Lamentavelmente, algumas instituições de ensino ao trabalharem com essas datas ainda as realizam apenas como entretenimento e perdem uma riquíssima oportunidade de organizar atividades que favoreçam importantes reflexões. Sentindo falta de análises que tratem desse assunto, este trabalho objetiva, à luz dos Estudos Interculturais (EI) e da Análise Crítica do Discurso (ACD), apontar princípios norteadores de um ensino de língua inglesa que propõe discutir a questão da identidade na relação professor – aluno dentro de uma perspectiva intercultural e crítica. Tomando, então, como base a relação dialética entre culturas, o artigo traz uma abordagem sobre o calendário com dias comemorativos em uma aula de língua inglesa, especificamente, a romântica data de *Valentine's Day* preparada para estudantes de nível intermediário de Língua Inglesa. Pretende-se evidenciar, com a análise de alguns textos, não apenas o ensino de estruturas linguísticas referentes ao tópico em estudo, mas também, fazer com que os aprendizes demonstrem seus posicionamentos, entrelacem pontos de vista, afinidades, interesses, enfim, que adquiram a compreensão dos “jogos

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas com Pós-Doutorado pela UFBA - Universidade Federal da Bahia. Mestre em Ciências Pedagógicas pelo Instituto Superior Pedagógico de Moscou e Licenciada em Língua e Literatura russas pelo próprio Instituto Pedagógico. Professor Associado do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, do Instituto de Letras da UnB - Universidade de Brasília. Contato: marialuisa.ortiz@gmail.com

² Doutora em Estudos da Linguagem pela UEL – Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Letras pela mesma instituição. Docente Adjunto A, no CLCH - Centro de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da UEL.

de linguagem” ideológicos ou estereotipados presentes em todo e qualquer discurso textual.

Palavras-chave: *Interculturalidade; Análise Crítica do Discurso (ACD). Valentine’s Day.*

Resumen

Las fechas conmemorativas están presentes en todas las culturas y los centros escolares, en su mayoría, aprovechan estas fechas para realizar prácticas pedagógicas que incluyan tales eventos. Lamentablemente algunas instituciones realizan esas prácticas como un simple entretenimiento, perdiendo una excelente oportunidad de organizar actividades que incluyan la reflexión sobre aspectos legítimos de otras culturas. Debido a la falta de estudios que traten este asunto, el presente trabajo se propone como objetivo, a la luz de los Estudios sobre interculturalidad (EI) y del Análisis Crítico del Discurso (ACD), mostrar algunos principios que orienten la enseñanza de lengua inglesa dentro de una perspectiva intercultural crítica, al traer para la discusión las cuestiones de identidad en el proceso de interacción profesor – alumno. Tomando como base la relación dialéctica entre culturas, este artículo presenta un trabajo con foco en el calendario de fechas conmemorativas, específicamente la famosa fiesta de San Valentín, en la clase de lengua inglesa para alumnos de nivel intermedio. A través del análisis de algunos textos pretendemos no solamente enseñar las estructuras lingüísticas del tema estudiado, sino también y, principalmente, incitar a los alumnos para que demuestren sus opiniones, posicionamientos, puntos de vista y al mismo tiempo descubrir sus intereses y afinidades, en fin, comprender las características del lenguaje estereotipado e ideológico, presentes en todo discurso textual.

Palabras-clave: *Interculturalidad; Análisis Crítico del Discurso (ACD): Día de San Valentín*

“O conhecimento é aprendido sempre em atividades coletivas sociais e mediadas por interações verbais.”
(Cristovão & Gamero, 2009: 230)

Iniciando o percurso

1. O texto em análise crítica intercultural

Para Fleuri (2002: 07), “cultura é um termo que, mesmo tomado no singular, indica um conceito plural”. Parafraseando o autor, podemos dizer que o termo *cultura* recebe diversos conceitos a partir do ponto de vista em que estiver sendo analisado. Daí encontrarmos conceitos ligados à *história*, ao *comportamento*, à *normatividade*, à *funcionalidade*, à *estrutura*, à *mente*, ao *simbólico*, dentre outros. Um dos conceitos mais difundidos ainda é o *histórico*, no qual, segundo Fleuri (2002: 08) a cultura é entendida como “herança social ou tradição que é transmitida de uma geração para outra.” Diante dessas variadas orientações, optamos por seguir a opção de Clifford Geertz (1989: 04, grifo nosso), que apelou para um olhar semiótico. O antropólogo estadunidense, assim expressa:

o conceito que eu defendo (...) é que o *homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu*, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados.(grifos nossos)

Sabemos, hoje, que existem discursos ou “vozes” dentro de qualquer língua-cultura. Trabalhar, então, com o tema cultura, requer entender conceitos não uniformes como identidade, reconhecimento, pluralidade, multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. Dentre esses vários conceitos, todos determinantemente políticos, explicitaremos dois deles que consideramos

relevantes para este trabalho: o multiculturalismo x interculturalismo. De forma breve, seguindo o pensamento de Vieira (2002: 119, grifos do autor), “o multiculturalismo *reconhece* a existência de identidades culturais e defende o respeito à especificidade de cada uma.” Para além disso, o interculturalismo “propõe processos de *interação* entre os sujeitos e entre os grupos de diferentes culturas.”

Essa interação torna-se extremamente necessária para o homem, pois, (continuando a assumir o posicionamento de Geertz), se não for dirigido por padrões culturais - sistemas organizados de símbolos significantes – o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e suas experiências não teriam praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade. (Geertz, 1989: 33)

O conceito de intercultura ainda continua em formação, porém, seu postulado básico não admite a fuga da harmonia e da “convivência entre diferentes culturas, excluindo ou minimizando conflitos”, isto é, “a intercultura não busca a hegemonia, mas o reconhecimento da diversidade” (Vieira, 2002: 118) Os textos, portanto, devem ser vistos como “arenas culturais e políticas onde formas culturais, ideológicas e sociais diferentes estão constantemente em luta”. (Brahim, 2004: 30) A globalização atinge todos os setores políticos, econômicos e sociais. Isso implica, inevitavelmente, em profundas mudanças na vida social e na linguagem. Portanto, o trabalho em sala de aula deve estar voltado para a interpretação de textos e de situações que confrontem esses objetivos, posicionamentos, interesses, afinidades, poder e tensão que perpassam os indivíduos nas instâncias discursivas.

Atualmente, em nossa sociedade o *conhecimento* e a *linguagem* transformaram-se em bens de imenso valor humano e, às vezes, são usados para a manipulação de indivíduos menos conscientes, ou seja, existem tentativas de controle institucional e moral dos indivíduos por meio do discurso mediado, em especial, pelas novas tecnologias midiáticas. Segundo Santos e Alvarez (2010: 192), existem “alguns trabalhos cuja leitura é indispensável”. Sendo assim, para compreender e lidar de forma responsável

com tal problemática é necessário que os educadores façam uma leitura reflexiva dos trabalhos de estudiosos como Andrade (2009), Bennett (2011), Bauman (1998), Bhabha (2013), Byram (2002), Canclini (2007), Candau (2002), Chauí (1996), Fairclough (2006), Geertz (1989), Hall (2005), Ianni (1992), Kramsch (1996), Mattelart (2005), Mendes e Castro (2008), Moita Lopes (2002, 2006), Moreira e Candau (2011), Morin (1986), Mota e Scheyrel (2004), Sacristán (1998), Santomé (1998), Santos e Ortiz Alvarez (2010), dentre outros que assumem ser imperativo na contemporaneidade o uso flexível de uma “combinação” que implica a *interação*, o *diálogo* e a *negociação* de significados entre partes envolvidas, o “cruzamento” das diversas opiniões que se entrelaçam.

Todos esses autores concebem os fenômenos culturais como processos multidimensionais e plurissignificativas dos modos de *perceber*, *conceber* e *construir* vínculos sociais mais humanizados. (Mattelart, 2005: 14) Mesmo sabendo que estamos restringindo, e muito, o número de estudiosos e de pesquisas nessa área, citaremos, também, os estudos que vêm sendo desenvolvidos com grande sucesso nos mais diversos centros de investigação como o Society of Intercultural Comparative Studies (University of Princeton, nos Estados Unidos); The Centre for Contemporary Cultural Studies (Birmingham University, Inglaterra); International Centre for Intercultural Studies (University of London) e o Centre for Translation and Intercultural Studies (University of Manchester), por citar alguns.

No Brasil, há vários Programas, Centros e Núcleos que também priorizam esses estudos como o Programa de Pesquisa LINCE - Núcleo de Estudos em Língua, Cultura e Ensino (UFBA – Universidade Federal da Bahia, coordenado por Edleise Mendes Oliveira Santos e Antonio Marcos da Silva Pereira); Direitos Humanos, Educação, Interculturalidade: construindo práticas pedagógicas (Projeto de Pesquisa de Vera Maria Candau – PUC-RJ); Currículo e Multiculturalismo (Marcelo Andrade – (PUC-RJ); o MOVER – Núcleo de Pesquisa em Educação Intercultural e Movimentos Sociais (Departamento de Estudos Especializados em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, coordenado por Reinaldo Matias Fleuri e Cristiana de Azevedo Tramonte).

Ainda consideramos extremamente pertinente basear, também, nossas análises no modelo teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD) em suas reflexões que instigam o diálogo intercultural, servindo-nos dos pressupostos

do linguista britânico Norman Fairclough, precursor central dessa abordagem analítica que, *ex professo*, afirma:

Critical Discourse Analysis (CDA) constitutes a valuable resource for researching these relations between discourse and other social elements, seeing them as dialectical relations. One advantage is that it allows us to incorporate textual analysis within social analysis of globalization³ (Fairclough, 2006: 13).

Desse modo, dizemos que a Análise Crítica do Discurso (ACD) pode ser entendida como uma forma de análise que conecta a análise textual a contextos sociais e interacionais mais amplos, com o objetivo de mostrar como a língua participa de processos sociais. Trata-se de um instrumental teórico-metodológico importante para o estudo de discursos, porque contempla não apenas o exame das estruturas linguísticas dos textos, mas também e com grande ênfase, a crítica social e o momento sócio-histórico contemporâneo. É importante destacar ainda que, na ordem mundializada em que vivemos, a língua inglesa continua a ser apontada como a língua universal de comunicação. E, neste escopo, se consideramos a língua inglesa como uma língua global, necessitamos incluí-la como a língua que responde pela ordem do discurso em escala internacional. Neste sentido, em 1974, os estudiosos Halliday, McIntosh e Strevens, já previam:

O ensino de uma língua estrangeira é em parte o fornecimento de interessantes materiais novos de prática para o exercício das habilidades que estão sendo adquiridas, em parte o reforço do aprendizado pela capacitação dos alunos a experimentarem a língua em novos contextos e combinações, e ainda em parte (mas somente em parte) a introdução de novos padrões gramaticais e novos elementos de vocabulário. (Halliday, McIntosh & Strevens, 1974: 289)

³ A Análise Crítica do Discurso (ACD) constitui um recurso valioso na pesquisa dessas relações entre o discurso e outros elementos sociais, percebendo-as como relações dialéticas. Uma vantagem é que ela nos permite incorporar a análise textual dentro da análise social da globalização. (tradução nossa)

Por isso, outra vez ratificamos nossa opção pelos Estudos Interculturais e pela Análise Crítica do Discurso neste trabalho, ambos priorizam pesquisas que examinam a linguagem e a sociedade, em outras palavras, devemos reconhecer a linguagem como vínculo essencial para a vida social, já que toda e qualquer ação no mundo ocorre a partir do discurso e por meio dele. Podemos afirmar, ainda, que os discursos textuais são construídos a partir de escolhas de seus autores; tais escolhas refletem, evidentemente, preferências discursivas que ajuízam representações de mundo, relações, identidades e valores sociais e culturais. Nessa perspectiva, ainda seguindo Fairclough (2006: 41), destacamos:

“Discourses are abstract entities which are established on the basis of repetition and recurrence over time and in diverse social sites, but ontologically they appear in the concrete form of particular texts.”⁴

Essa particularização ontológica do texto confirma as mais recentes formulações sobre o conceito de identidade, mostrada pelos indivíduos em seus textos orais ou escritos que já não estão mais presos à ideia de consolidação de um “eu” estável que determinaria em definitivo a personalidade e o campo cultural dos indivíduos (...) Hoje, *indivíduoar-se* significa muito mais se redefinir continuamente. O verdadeiro obstáculo não estaria mais na capacidade ou não de mudança, mas em como assegurar a unidade e a continuidade da história individual num mundo de complexidades e alternâncias essenciais. Os modelos estáveis de identidade que os grupos e instituições forneciam em contextos pré-industriais dão lugar a um alargamento de possibilidades de escolhas, de construção de autonomia e possibilidades de realização de si. (Carraro, 2011: 198-199, grifo nosso)

Portanto, neste trabalho, novamente salientamos que, dentre tantos modelos de análises de discursos existentes atualmente, desejamos argumentar em favor dos Estudos Interculturais (EI) e da Análise Crítica do Discurso (ACD), por considerá-los instrumentos analíticos essenciais para as atividades que abordaremos na próxima seção. Contemplaremos não apenas a

⁴ Discursos são entidades abstratas que estão estabelecidas na base da repetição e da recorrência, em diversos locais sociais, porém, ontologicamente, eles aparecem na forma de textos particulares concretos. (tradução nossa)

análise linguística de textos relacionados à temática de *Valentine's Day*, mas também a crítica social, intercultural e o momento sócio-histórico de nossa contemporaneidade capitalista, no qual, a mídia assume e amplia, a cada ano, sua predisposição mercadológica. E mais, as relações entre a diversidade cultural presente no capitalismo perpassa o cotidiano escolar, constituindo um tema de grande relevância para que a escola possa constituir-se como verdadeiramente democrática. No entanto, apesar dos avanços em muitos ambientes escolares, esta ainda é uma questão pouco trabalhada, quer seja pela falha na reflexão pedagógica em geral, como, mais concretamente, na aplicação coerente da didática escolar. (Candau & Anhorn, 2002: 107)

As datas festivas, pelo viés midiático, são bem comemoradas se bens/objetos forem ofertados, tudo parece se resumir na *compra* de presentes, as aparências e imagens, modelos ideais de posicionamentos são fixados pela linguagem persuasiva da mídia. Esses posicionamentos valorativos criam ou reforçam estereótipos e modos de vida, estabelecidos a partir de nossos diferentes olhares e de nossos distintos entendimentos de mundo. Devemos, então, refletir a respeito dessa cultura tão particular e mercantilista, pois o consumo pode alterar, em grandes proporções, nossas vidas. E pensar, como Bennett (2011) que em entrevista à Revista Época acrescentou um tópico interessante a respeito das tensões geradas entre as pessoas e suas culturas na cultura do capital.

Em um primeiro momento negamos a existência da diferença e ou queremos convertê-la ou eliminá-la. Após isso, porém, há a aceitação da diferença e o reconhecimento dela. Com isso, há espaço para uma adaptação entre essas duas pessoas e para a integração. Cada vez mais está sendo usado na área o termo “terceira cultura” para definir essa interação. Eu estou tentando me adaptar a você, você está tentando se adaptar a mim, mas nem eu quero ou posso me tornar você e nem você quer ou pode se transformar em mim. Apesar disso, ambos tentamos entender o mundo um do outro, e isso gera um espaço em comum entre nós, que não diz respeito nem à minha cultura e visão de mundo e nem à sua. Isso, esse espaço, está sendo chamado de “terceira cultura”. Mas não se deve esquecer que isso é apenas um conceito dinâmico, portanto não existe, por exemplo, um país com uma terceira cultura; é algo gerado pela tentativa de adaptação entre pessoas.

Passos do itinerário

2.1. O texto em ação discursiva intercultural

Nessa seção, desejamos, então, colocar em prática atividades voltadas para o desenvolvimento da capacidade de linguagem dos aprendizes em uma perspectiva crítico-reflexiva. Escolhemos um gênero textual altamente persuasivo que tem se popularizado em nossa sociedade: o texto publicitário, focalizando um *outdoor* produzido pela empresa Candinas Chocolatier, na cidade de Madison, Wisconsin, nos EUA, no período da data festiva do Dia dos Namorados, o *Valentine's Day*.

Apresentamos, a seguir, o Plano de Aula realizado para o desenvolvimento da atividade:

CLASS ACTIVITY

Número de aulas:	04	(realizada no ambiente da classe)
Duração das aulas:	60 minutos cada	(04 horas – 01 hora por aula)
Atividade preparada:	Texto retirado de <i>outdoor</i>	(Disponível em: http://www.thedailypage.com/search . Acesso em maio, 2012.)
Público alvo:	Aprendizes de língua inglesa em nível intermediário	(adolescentes e/ou adultos)



Os objetivos:

Objetivo geral:

- Corroborar para a discussão do texto e a conseqüente aquisição de novos conteúdos ao privilegiar os conceitos verbalizados pelos aprendizes no contexto sócio-subjetivo mobilizado pelos efeitos de sentido do enunciado no texto publicitário: **I'll love you no matter fat you get.**

Objetivos específicos:

- Sondagem sobre os conhecimentos já construídos sobre a data Valentine's Day;
- Discussão sobre o discurso persuasivo do texto publicitário e, em particular, o *outdoor*;
- Comentários sobre o texto de uma leitora que discorda do teor da propaganda;
- Discussão em pares sobre os temas *Eating disorders* e *Self-esteem*;
- Ampliação do vocabulário com termos que indicam obesidade;
- Preenchimento e comentários sobre um Quiz direcionado ao tema *Self-esteem*.

Activity 1:

Complete the text below:



Valentine's Day is celebrated on February 14th every year. It is a day to _____ affection. People send cards, _____ valentines, to their _____ friends, family, and _____ ones. Verses on valentines often _____ and express love and affection. Sometimes valentines _____ humorous pictures or puns - but _____ all ask, "Be My Valentine."

friends – called – rhyme – almost – display – loved – contain

Answer:

When *Valentine's Day* is celebrated in USA and in Brazil? Is this special day celebrated in the same way and in the same day in both countries?

Do you have a boyfriend/girlfriend? What did you give to him/her in your last Valentine's Day? What gift did you receive from him/her? How do you like it?

Do you think that is important to celebrate *Valentine's Day*?

This special date is particularly connected with the word LOVE. What is love for you? Could you talk how do the following types of love differ:

- n a boyfriend's love for a girlfriend?
- n a wife's love for her husband?
- n a parents' love for a child?
- n a child's love for a pet?

If you could what special day would you create e for what reason?

Activity 2:

Read the *outdoor* and answer:

2.1 There are several types of advertisements widely used for the *media* today. This is one of them, called *outdoor*. Are you able to name other types of ads?

2.2 Do you think the advertisements are important nowadays?

2.3 What sort of genre does this announcement we are studying belong to? Talk about its characteristics.

2.4 Is there an ad running now on your city, neighborhood, radio or television that you recall? Tell us about it.

2.5 What these particular *outdoor* is advertising? Who wrote it? Who particularly benefits from the text? To whom was it written?

2.6 What do the images in the ad suggest?

2.7 Do you agree with the sentence *I'll love you no matter how fat you get*?

2.8 How the teen or woman or man beliefs are constructed in the text? It means, the text written construct a version of reality?

2.9 Is it possible that adolescents or adults can be influenced by the underlined suggestions we can read in the ad?

2.10 In what ways we can relate Eaten Disorders and lack of Self-esteem with the text?

2.11 What does healthy food mean to you?

2.12 Do you think you eat healthily?

2.13 Do you think there are some nations or some cities in our country people eat more healthily?

2.14 Are issues of food and health discussed in your family? What are the different opinions?

2.15 Do you always eat together as a family? What are the different opinions?

Activity 3:

Now, read a part of an adapted excerpt of a text⁵ written by a person who did not agree with the advertisement:



Title: "I'll love you no matter how fat you are," says the box of chocolates on Candinas' billboards.

Text: Is it morally responsible to speak this way about chocolates?

About half of the people in Wisconsin are overweight or obese, double what it was in 1990. (Small comfort that this is below the national average of 66%, doubled since 1980.)

Our relationship with food is complicated. Even experts will say "it's a no brainer that people eat for emotional reasons." Yet these emotional reasons aren't taken into account when trying to solve the obesity puzzle.(...) People trying to reduce obesity are, for the most part, thin.(...)

In 2007, anti-depressants became the most-prescribed drug in the U.S. If everyone knows people eat for emotional reasons and anti-depressants are the most-prescribed

⁵ Fonte: disponível em: <<http://www.thedailypage.com/daily/article.php?article=32159>>. Acesso em maio,2012.

drug, why isn't there serious discussion about how to raise the level of emotional satisfaction in life? (...)

Now, imagine a Valentine's fruit basket. As a healthier option it's a loving gift (or a nagging one). If offered side-by-side with a box of chocolates, the fruit won't stand a chance. Why? It may be loving, but not "love." The fruit might be accepted on another day or at another time when the eater "feels like it." (...) If eating chocolate releases the hormones of love, does that mean we're addicted to love?

So, love from a box of chocolate? Or hungry for love? Yes, we're hungry for it.

Pam Murtaugh (Madison-based consultant to global corporations)

3.1 Do you agree with Murtaugh comments? Why?

3.2 Do you think that the kind of problem that the author arises from the topics (emotional reasons from obesity/ a basket of fruits is not natural in Valentine's Day/ people, in fact, are hungry for love) can be found in our Brazilian society?

3.3 Could you mention other types of wrong or right values that announcements can implicitly emerge on us?

3.4 Think about this concept:

"Language awareness refers to the development in learners of an enhanced consciousness of and sensitivity to the forms and functions of language" (Carter, 2003: 64)

Do you think that this concept of *language awareness* is important to the learners of another language? Why?

3.5 So, in what extent has this discussion helped you to improve your critical thinking skills? In other words, did you improve your *language awareness* and gained more control over media texts instead of simply accepting them?

Activity 4:

Now, work in pairs:

4.1: Read the following quotations:



Quotations:

- a) He has achieved success who has lived well, laughed often, and loved much.
- b) Love is the flower of life, and **blossoms** unexpectedly and without law, and must be plucked where it is found, and enjoyed for the brief hour of its duration.
- c) Trouble is part of your life — if you don't share it, you don't give the person who loves you a chance to love you **enough**.
- d) To love is to receive a **glimpse** of heaven.
- e) What most people need to learn in life is how to love people and use things instead of using people and loving things.

4.2 Find two synonyms to these words:

achieve	lose – access – relinquish – surrender
blossom	flourish – fate – burst – deteriorate – shrink
enough	scarce – sufficient – plenty – inadequate – insufficient
glimpse	imperceptive – flash – eyeless –unobservant – reflect
instead	in place of – tending – approving – inclined – in preference

Activity 5:

These are words related with the substantive **fat**:



<p>OVERSIZE – WEIGHTY – HEAVY – BROAD – OBESE – CORPULENT – STOUT – BULKY–ROTUND – PAUNCHY – CHUNKY – CHUBBY – PORCINE – PUDGY – JELLY-BELLY– ROLY-POLY – POTBELLIED –ELEPHANTINE – GARGANTUAN – BACKBREAKER</p>

5.1 Write a sentence using one of the words given reflecting about the topics we already discussed in class today:

5.2 Synonyms for **self-esteem** are self-assurance, self-content, self-regard, and self-respect. Use the Self-esteem Assessment Quiz⁶ below as a mirror, keeping in mind that once you are aware of your self-esteem you can consciously make choices that will create new [brain pathways](#) supporting your positive self-esteem:

1. **How I feel about myself depends on what others think of me:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
2. **When I am criticized I blame myself for being stupid:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
3. **I easily ask for and accept help from others:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
4. **I easily accept compliments:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
5. **When I look in the mirror, I see flaws in my appearance:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
6. **I make time in my schedule for activities that support my health and well-being:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
7. **I am uncomfortable expressing my opinion and feelings in my personal relationships:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
8. **I am anxious to admit that I don't know or understand something:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
9. **In a restaurant, when I receive food that doesn't match my order, I say nothing and eat it anyway:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never
10. **I believe that I am confident and value myself:**
___ Always ___ Sometimes ___ Never

⁶Fonte: Disponível em: <http://www.self-esteem-experts.com/quiz-for-self-esteem-2.html>. Acesso em maio 2012. As respostas para cada questão estão comentadas detalhadamente nessa mesma página.

11. I openly express my opinions at work:

___ Always ___ Sometimes ___ Never

12. I envy others:

___ Always ___ Sometimes ___ Never

13. I believe my life would be better if I were more attractive:

___ Always ___ Sometimes ___ Never

14. No matter what I do, I always find something wrong with the result:

___ Always ___ Sometimes ___ Never

15. I believe I will never really be happy:

___ Always ___ Sometimes ___ Never

5.3 Be brave and talk to your pair in class about the results of your Quiz, letting hem/him to know some of your strong points and some of your weakness discovered in the Quiz. If you think it is necessary keep reading other texts about the subject. May they help you to live better.

2.2 Ação discursiva intercultural no texto

A noção de que uma língua estrangeira não pode ser ensinada - aprendida dissociada de seus aspectos culturais aparenta algo já ligado ao senso comum. Apesar dessa notoriedade, Fernández (2002: 39) explica que,

certamente, não é fácil tratar questões culturais em aula de língua estrangeira. Várias são as razões que dificultam a inclusão da competência cultural nos cursos: tempo de aula limitado, programas pré-estabelecidos e delimitados, livros didáticos que nem sempre permitem um trabalho adequado, professores que, por vezes, não possuem um bom conhecimento sobre a cultura do(s) povo(s) que utiliza(m) a língua objeto de estudo, falta de orientação sobre quais aspectos culturais são de fato relevantes, etc.

Por isso, continua a autora,

nem sempre se verifica um perfeito equilíbrio entre o tempo dedicado em sala de aula (...)Normalmente, prioriza-se a competência linguística, já que grande parte dos estudantes deseja conhecer o maior número possível de regras gramaticais no menor tempo possível, considerando que com isso serão capazes de se comunicar em língua estrangeira. Paralelamente, muitos professores também enfatizam o conhecimento gramatical e

lexical, pois a abordagem dos aspectos sócio-culturais significa, muitas vezes, aventurar-se num terreno árido, pouco explorado e não muito seguro. (Fernández, 2002: 39)

Todavia, somente a utilização de materiais autênticos fará com que a cultura dos países da língua estrangeira estudada venha para dentro da sala de aula. Na proposta elaborada para uma aula temática relacionada à data comemorativa *Valentine's Day* abarcamos, metodologicamente, vários tópicos circundantes como a questão do amor, do consumismo, da alimentação saudável, da autoestima, dos relacionamentos familiares, dos gêneros publicitários e outros. A intenção primordial sempre esteve voltada para levar o aluno a perceber a diversidade linguística de sua cultura e a de outros, de modo a se envolver discursivamente na construção de significados.

Fugimos da elaboração de um estudo de língua tradicional e tentamos evidenciar que ir além de um ensino utilitarista e tão pouco eficaz, para aplicar a abordagem intercultural na sala de aula não requer que o professor seja um especialista em línguas - culturas diversas, em sociologia, em antropologia ou em estudos culturais. Simplesmente deve aprimorar cada vez mais seu desempenho em sala de aula, e para isso o que vale mais é a sua perspicácia na procura de atividades relevantes para seus alunos, a observação e análise crítica das imagens e dos textos em produtos de consumo, assim como os padrões da rotina diária de seus educandos, os valores, comportamentos e atitudes que adotam na partilha intercultural com relação à sua própria cultura e à cultura do Outro. O professor deve ter a capacidade de promover o diálogo entre culturas, na sala de aula na base do respeito e entendimento mútuos, pois como expressam Santos e Alvarez (2010: 211), “o sucesso da comunicação intercultural implica que uma mensagem produzida numa determinada cultura possa ser processada em outra.”

Outro aspecto que desejamos ressaltar diz respeito às questões formuladas no trabalho com os textos. O nosso objetivo não foi utilizar o texto para ensinar estruturas gramaticais, sintáticas ou apenas lexicais, pois já foram abordados nas atividades 1 e 4.2. Por exemplo: Complete the text below; Find two synonymous to these words. O intuito, porém, foi construir com esses exercícios “pontes” que servissem como “ligações” para a construção de outros sentidos do texto, auxiliando o aluno na sua compreensão, assim como do gênero, do contexto em que foi escrito e na sua

interpretação. Essas “pontes” traçariam o que Martin Heidegger apud Bhabha (2002: 25) descreveu de modo belíssimo: “A ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens...A ponte reúne enquanto passagem que atravessa”.

Outro ponto que ousamos considerar nesta seção “a ação discursiva intercultural no texto” refere-se à tentativa de analisar se, nas atividades propostas, havia ou não a presença de um interlocutor. Segundo a concepção dialógica de linguagem bakhtiniana, todos os enunciados são dirigidos a um interlocutor e a construção de sentidos é construída na alteridade. A ausência do interlocutor indica que a construção da uma unidade temática está fechada, é monológica e o discurso torna-se ilusório:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (Bakhtin, 2003: 290, grifos do autor)

Assim, buscamos construir as atividades, de forma agradável e dialógica com o aluno, mantendo-o como interlocutor o tempo todo, insistindo no estabelecimento de uma conexão entre o assunto estudado e a vida diária dos alunos. Utilizar a data *Valentine's Day*, por exemplo, como mote para a introdução da unidade não é algo fácil de trabalhar ou de despertar o interesse de alunos que têm um nível intermediário da língua, pois são aprendizes que já tiveram contato com textos ligados a essa temática ao longo dos anos, especialmente se estiveram matriculados numa determinada instituição de ensino de línguas desde que iniciaram seus estudos. A ideia, neste caso, de relacionar a data comemorativa com outros tópicos mais abrangentes e reflexivos, a nosso ver, constitui um recurso efetivo ao trazer, do ponto de vista metodológico, um grau mais elevado de criticidade para a sala de aula.

As questões elaboradas serviram para a orientação crítica dos textos, buscando verificar se o aluno compreendeu o conteúdo, portanto nelas não há questões gramaticais. A parte gramatical poderia ser retomada a partir da escrita, quando o aluno deveria responder às perguntas de forma oral e escrita. Um dos objetivos foi, de fato, mostrar que a língua inglesa está além das frases prontas, disponíveis e gramaticalmente adequadas que os alunos comumente estudam.

É óbvio que aprender uma língua estrangeira implica conhecer e utilizar adequadamente as regras gramaticais desse idioma, mas não apenas isso. Na atividade 5.2 – Quis – priorizamos a discussão sobre quais comportamentos seriam mais adequados em uma dada situação. O nosso interesse era avaliar as atitudes, os valores, o tom de voz aplicado nas respostas, descobrir as suas crenças e formas de agir expostos na escrita.

Contudo, apesar dos aspectos positivos, a unidade ainda apresenta algumas limitações. Poderíamos solicitar aos alunos fazer uso das novas tecnologias: *blogs, chats, e-mails* ou *facebook*, para as discussões sobre a data *Valentine's Day*, estabelecendo os contrastes, compartilhando opiniões, pontos de vista acerca de temas como: alimentação saudável, hábitos alimentares, valores e tradições de outros povos. Em relação ao *outdoor*, os educandos poderiam trazer para a sala de aula vídeos ou propagandas em língua portuguesa e inglesa, para assim conhecer os valores e ideologias de diferentes grupos sociais, observando os recursos linguísticos e extralinguísticos empregados, verificando as diferenças e similaridades ente uma propaganda estrangeira e nacional, por exemplo.

Mas, antes de finalizar, vale ressaltar, mais uma vez, que seguindo as orientações da abordagem intercultural e da análise crítica do discurso, a unidade escolhida e descrita demonstra uma grande preocupação com o contexto social do aluno, levando-o a refletir sobre o que ocorre dentro da sua realidade, como esse processo acontece fora dela e como o aluno, como indivíduo dialógico, pode desenvolver uma competência intercultural crítica sobre os tópicos estudados. Ao mesmo tempo permite que esse aluno tenha contato com a língua estrangeira através de textos de diferentes gêneros, analisar e discutir sobre produções em língua inglesa.

Finalizando a trajetória

3. Considerações finais

Hoje em dia podemos afirmar que a abordagem intercultural é uma alternativa apropriada para o contexto de ensino – aprendizagem de línguas e, aparentemente, a maioria dos educadores já assimilou este ponto. Porém, ainda verificamos a falta de exemplos práticos, concretos e efetivos para o desenvolvimento dessa abordagem. Dessa forma, sintetizando a trajetória até

aqui percorrida, esperamos ter contribuído com a criação de um material autêntico para ressaltar que, em nosso mundo cada vez mais globalizado, profundas mudanças teórico-metodológicas são necessárias a fim de que, os estudantes de qualquer que seja a disciplina, ou língua estudada, conjuntamente com os conhecimentos formais indispensáveis, se assumam como sujeitos ativos e participativos em todas as atividades propostas.

Em particular, considerando o contexto brasileiro em que desejamos ampliar cada vez mais e com maior rapidez nosso espaço em escala global, como nação com grande capacidade cultural e econômica, as especificidades do ensino de língua inglesa devem estar voltadas nessa direção, as ações docentes devem visar à elaboração de materiais didáticos produzidos por professores que permitam aos alunos se sentirem como parte de uma engrenagem perfeitamente encaixada que se desdobra em escala planetária, em outras palavras, eles devem estar conscientes sobre a necessidade de compreenderem o discurso do “globalismo”. Como bem afirmou Moita Lopes (2011: 133-134):

Por causa da natureza de seu trabalho, os/as professores/as estão na linha de frente dos embates sociais e culturais e não podem esperar que as mudanças sejam efetivadas em políticas públicas para implementá-las em suas práticas. Precisam estar adiante. Necessitam se familiarizar continuamente com outros discursos e teorizações que podem apresentar alternativas de compreensão da vida social principalmente devido à posição de responsabilidade que ocupam, e colaborar na construção de outros mundos e outras sociabilidades.

A sala de aula, então, deve ser vista como um espaço privilegiado, nos quais as interações entre educador e educando permitam a discussão de posicionamentos políticos, ideológicos e, em especial, a transmissão e realização de valores em ambos – educador e educando, porque, certamente, o satisfatório trabalho no espaço da sala aula somente acontece com a existência de uma anelante interação entre todos, mediados por contexto reais.

Aqui, vale a pena, acrescentar o “olhar” de Mendes (2008: 60) sobre essa mediação que a autora qualifica como intercultural:

Em primeiro lugar, o sentido que atribuo à qualificação *intercultural* é o de um esforço, uma ação integradora, capaz de suscitar comportamentos

e atitudes comprometidas com princípios orientados para o respeito ao outro, às diferenças, à diversidade cultural que caracteriza todo processo de ensino/aprendizagem, seja ele de línguas ou de qualquer outro conteúdo escolar. (...) É o esforço para se partilhar as experiências, antigas e novas, de modo a construir novos significados. (grifo da autora)

Desse modo, o trabalho educativo, em uma perspectiva crítico-discursiva, não visa apenas a trabalhar com a língua, a instruir, ou seja, não objetiva apenas a transmissão de conhecimentos. Conforme nossa epígrafe, alimentando experiências em que “o conhecimento é aprendido sempre em atividades coletivas sociais e mediadas por interações verbais.” (Cristovão & Gamero, 2009: 230) Ele deve ser sistematizado levando sempre em consideração o relacionamento humano baseado no conhecimento de mundo dos educandos. Assim, para finalizar, fazemos nossas as palavras de Bertan, Rocha e Bechara, (2000: 130):

O educador é aquele que deduz do seu educando o que nele dormita de melhor. Portanto, não é impingir, mas sim, contribuir para o que já existe no educando, a fim de fazer na sala de aula um verdadeiro espaço de libertação e não de domesticação.

4. Referências

- ANDRADE, Marcelo. (Org.) 2009 *A diferença que desafia a escola: prática pedagógica e a perspectiva intercultural*. Rio de Janeiro: Quartet e FAPERJ.
- BAKHTIN, Mikhail. 2003 [4.ed.] O enunciado, unidade da comunicação verbal. In: Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. pp. 289-326.
- BHABHA, Homi K. 2013 *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2.ed. Belo horizonte: Editora UFMG.
- BAUMAN, Zygmunt. 1998 *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Trad. Mauro Gama & Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar.
- BENNETT, Milton J. 2011 Interculturalidade. Você sabe o que é? Entrevista: Revista *Época* On-line. Disponível em:

- <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0.EMI250960-15228,00-INTERCULTURALIDADE+VOCE+SABE+O+QUE+E.html>>. (Acesso em: 24 de jan. 2014).
- BERTAN, Levino; ROCHA, Márcia Santos da; BECHARA, Zuleika Toledo. 2000 Sala de aula: espaço de domesticação ou de libertação? *Revista UNOPAR Científica, Ciênc. Hum. Educ.* Londrina, v.1, n.1, junho, , pp.123-131.
- BRAHIM, Adriana C. de Mattos. 2003/2004 Texto e interação: subsídios para uma pedagogia crítica de leitura em língua inglesa. *Estudos Anglo-americanos*, nº 27-28, pp. 29-48, abril.
- BYRAM, Michael. et al. 2002 *Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers*. Strasbourg: Council of Europe, Language Police Division.
- CANCLINI, Nestor Garcia. 2009 [3.ed.] Teorias da interculturalidade e fracassos políticos. In: Canclini, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Editora UFRJ. pp. 15-31.
- CANDAUI, Vera Maria. (Org.) 2002 *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CANDAUI, Vera Maria; ANHORN, Carmen T. Gabriel. 2002 A questão didática e a perspectiva multicultural: uma articulação necessária. In: Candau, Vera Maria. (Org.) *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas*. Petrópolis, RJ: Vozes. pp.105-119.
- CARRARO, Paulo. 2011 Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: Moreira, Antonio Flávio Moreira & Candau, Vera Maria (Orgs.) 7.ed. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes. pp.182- 211.
- CARTER, Ronald. 2003 Language awareness. *ELT Journal*, v.57, n.1: 64-65, janeiro.
- CHAUÍ, Marilena. 1996 *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- CRISTOVÃO, Vera Lucia Lopes; GAMERO, Raquel. 2009 Brincar aprendendo ou aprender brincando? O inglês na infância. *Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas*, 48(2): pp. 229-245, Jul./Dez..
- FAIRCLOUGH, Norman. 2006 *Language and globalization*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- FERNÁNDEZ, I. Gretel M. Eres. 2002 Língua e cultura: integração na aula de língua estrangeira. *Horizontes de Linguística Aplicada*. Revista do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada – LET/UnB, ano 1, n.1, dezembro: pp. 39-44,.
- FLEURI, Reinaldo Matias. 2002 Cultura: uma categoria plural. In: Fleuri, Reinaldo Matias. (Org.) *Intercultura: estudos emergentes*. Rio Grande do Sul: Ed. da UNIJUÍ. p. 07-17.
- GEERTZ, Clifford. 1989 *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

- HAGEMEYER, Caroline de Araújo P. & KNAUT, Marlene. 2008 *Um novo jeito de ler um texto publicitário em língua inglesa, legitimado pela Análise Crítica do Discurso (ACD)*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1599-8.pdf>>. Acesso em 25 de maio 2012.
- HALL, Stuart. 2005 [10ª.ed.] *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A.
- HALLIDAY, Michael A.K; McINTOSH, Angus & STREVEENS Peter. 1974 *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes.
- HEIDEGGER, Martin. 1971 *Poetry, language, thought*. New York: Harper & Row.
- IANNI, Octávio. 1992 *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KRAMSCH, Claire. 1996 The cultural component of language teaching. *ZIF* v.1, n.2. (Disponível em: http://zif.spz.tu-darmstadt.de/jg-01-2/beitrag/kramsch_2.htm) (acesso em: 24 de jan. 2014).
- MATTELART, Armand. 2005 *Diversidade cultural e mundialização*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola.
- MENDES, Edleise. 2008 Língua Cultura e formação de professores: por uma abordagem intercultural. In: Mendes, Edleise & Castro, Maria L. Souza. (Orgs.) *Saberes em português: ensino e formação docente*. Campinas/SP: Pontes.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. 2011 [7.ed.] Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria *queer*. In: Moreira, Antonio Flávio Moreira & Candau, Vera Maria. (Orgs.) *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes. pp.125-148.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.) 2006 *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. 2002 *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas/SP: Mercado de Letras.
- MOREIRA, Antonio Flávio Moreira; CANDAU, Vera Maria. (Orgs.) 2011 [7.ed.] *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MORIN, Edgar. 1986 *Para sair do século XX*. Trad. Vera Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MOTA, Kátia M. Santos; SCHEYERL, Denise. (Orgs.) 2004 *Recortes interculturais na sala de aula de língua estrangeira*. Salvador: EDUFBA: Instituto de Letras, Departamento de Letras Germânicas.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. 1998 [4.ed.] *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: ArtMed.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. 1998 *Globalização e interdisciplinariedade: o currículo integrado*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artes Médicas.

104 Ortiz Alvarez, M. L. & Silva, S.

SANTOS, Percilia; ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. (Orgs.) 2010 *Linguagem e Cultura no contexto de Português Língua Estrangeira*. Campinas (SP): Ponte Editores.

VIEIRA, Rosângela Steffen. 2002 Educação intercultural: uma proposta de ação no mundo multicultural. In: Fleuri, Reinaldo Matias. (Org.) *Intercultura: estudos emergentes*. Rio Grande do Sul: Ed. da UNIJUÍ. pp. 117-128.